



# uepb

Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GUARABIRA  
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MEMORIAL  
JACKSON DO PANDEIRO

MANASSES FREITAS CABRAL

**A CIDADE DE ALAGOA GRANDE-PB  
E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA**

GUARABIRA-PB  
2014

MANASSES FREITAS CABRAL

**A CIDADE DE ALAGOA GRANDE-PB  
E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB – Campus III – Centro de Humanidades, como requisito para obtenção de título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Genes Duarte Ribeiro

GUARABIRA-PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C117c Cabral, Manassés Freitas

A cidade de Alagoa Grande-PB e seus lugares de memória e história [manuscrito] : / Manasses Freitas Cabral. - 2014.

32 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Genes Duarte Ribeiro, Departamento de História".

1.Memorial. 2.Jackson do Pandeiro. 3.Alagoa Grande-PB. I.  
Título.

21. ed. CDD 981.33

MANASSES FREITAS CABRAL

**A CIDADE DE ALAGOA GRANDE-PB  
E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA**

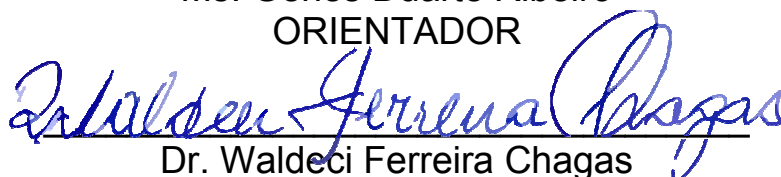
Aprovado em 10 / 03 / 2014

**Banca Examinadora**



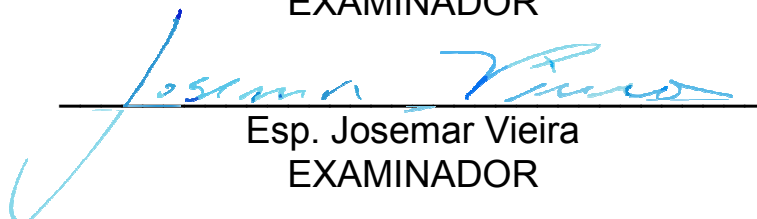
---

Ms. Genes Duarte Ribeiro  
ORIENTADOR



---

Dr. Waldeci Ferreira Chagas  
EXAMINADOR



---

Esp. Josemar Vieira  
EXAMINADOR

GUARABIRA-PB  
2014

Dedico, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. Ao professor Genes Duarte Ribeiro. Companheiro de caminhada em parte do curso. À minha família, em especial minha mãe, por sua capacidade de acreditar em mim e investir na minha pessoa.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que permitiu essa realização em minha vida, e não somente nestes anos na UEPB, mas que em todos os momentos me ajudou a superar todos os obstáculos. Ele é o maior mestre que podemos conhecer;

A universidade, bem como seu corpo docente, que oportunizaram um aprendizado que levarei comigo pelo resto da vida, e também a realização de um sonho particular e familiar, que é formação de um dos muitos que virão em gerações futuras;

Ao Ms. Genes Duarte Ribeiro, pela orientação, apoio e confiança na elaboração deste trabalho.;

Agradeço a minha mãe Maria de Lourdes Freitas Cabral, mulher forte, que me deu apoio nas horas difíceis de desânimo, cansaço e que nunca deixou de acreditar em mim;

Agradeço a minha noiva Josineide Castro Andrade, pela força e incentivo para acreditar e continuar minha caminhada acadêmica;

Meus agradecimentos aos amigos, companheiros que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza;

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a fazer um breve estudo sobre o memorial Jackson do Pandeiro construído na cidade de Alagoa Grande em homenagem ao “filho da terra”. Dessa forma, discutimos o processo de reconstrução da memória de Jackson do Pandeiro na cidade como forma de superar os esquecimentos de décadas em torno de sua figura. A História Social nos possibilita compreender um olhar para as narrativas que contemplam a cidade como objeto histórico e nesse sentido, suas representações de si e seus símbolos e construções memorialísticas, bem como as estratégias para reafirmar o pertencimento do artista Jackson com a cidade, em torno do turismo cultural e da alternativa econômica para o município.

**Palavras-chave:** Memorial, Jackson do Pandeiro, Alagoa Grande-PB

## ABSTRACT

This research proposes to make a brief study on the Jackson do Pandeiro memorial built in the city of Alagoa Grande in honor of the "son of the soil". Thus, we discuss the process of memory reconstruction of Jackson do Pandeiro in the city as a way to overcome decades of forgetfulness around your figure. The Social History enables us to understand a look at the narratives that consider the city as a historical object, and accordingly, their representations of themselves and their symbols and memorialísticas buildings, as well as strategies to reaffirm the belonging of the artist Jackson with the city around cultural tourism and economic alternative to the municipality.

**Keywords:** Memorial, Jackson do Pandeiro, Alagoa Grande-PB



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>1. HISTORIA E HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE ALAGOA GRANDE-PB</b>	<b>03</b>
1.1. A cidade como objeto histórico .....	03
1.2. Alagoa Grande-PB: história, memória e sociabilidades.....	06
<b>2. JACKSON DO PANDEIRO E ALAGOA GRANDE: OS CANTOS E DESENCANTOS DE UM ARTISTA .....</b>	<b>09</b>
2.1. Jackson do Pandeiro: o sapo cantando nas lagoas .....	09
<b>3. ALAGOA GRANDE-PB: O MEMORIAL E A RESSUREIÇÃO DO REI DO RITMO .</b>	<b>12</b>
3.1. “A volta do filho pródigo”: o memorial em homenagem a Jackson do Pandeiro.....	12
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>20</b>

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Memorial Jackson do Pandeiro .....
- Figura 2 – Fotografias expostas no Memorial.....

## LISTA DE QUADRO

- Quadro I - Sucessos gravados por Jackson do Pandeiro.....

Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: 'Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória.

Le Goff



# **A CIDADE DE ALAGOA GRANDE-PB E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA**

*Manasses Freitas Cabral*

## **INTRODUÇÃO**

Nosso trabalho historiográfico analisa a partir da cidade de Alagoa Grande-PB, as possibilidades que surgiram na História em trazer para as preocupações dos historiadores a cidade como objeto histórico, buscando compreender os métodos e as abordagens que se debruçam sobre as cidades. Dessa forma, observamos o processo de formação da História Social, vinda das influências do Movimento dos *Annales*, que propõe uma “nova visão” de pensamentos, para entender o como se começa a pensar e discutir a cidade dentro do ofício dos historiadores.

Percebemos ainda, que houve ainda a necessidade de descrever a história das cidades, a partir de seus arcabouços e instrumentos divulgadores de si mesmas, ou seja, as identidades, as memórias, os esquecimentos, construções, os símbolos e representações são elementos chaves para essa nova historiografia.

Diante destas afirmações vimos que antes de tudo a história da cidade não se caracteriza como neutra, pois sobre intervenções das mais diversas áreas, ou seja, do meio social, cultural, político e filosófico, e as representações são moldadas a partir de um interesse próprio de cada área.

No entanto essa perspectiva que com os *Annales*, torna-se uma reação contra os paradigmas tradicionais, que representavam a “história correta”, definida como a verdade, mas que agora passa a ser discutida e (re)pensada, numa expectativa renovação das fontes e pensamentos históricos.

Sendo assim, pensar o planejamento urbano das cidades observando as transformações sofridas pela mesma, que vivencia a Revolução Industrial, torna-se fundamental no processo de entendimento da história social no século XIX.

É pois, sobre a perspectiva dessa revolução que identificamos a evolução e formação da agora “cidade”, que recebe a linha férrea participando da modernidade que chegará ao estado da Paraíba, contribuindo largamente para transporte da produção de algodão, açúcar e rapadura da cidade.

Em seguida discutimos como a cidade de Alagoa Grande-PB entre suas várias construções e edificações, representadas a partir de símbolos como a chegada da linha férrea na cidade, trazendo a modernidade, bem como o avanço econômico da cidade, fazendo com que a mesma figure entre as mais desenvolvidas da Paraíba no século XIX. Da mesma forma o prédio da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, construção que representa e confirma ainda mais a influencia da religiosidade na formação social da época, e o prédio do Teatro Santa Ignez marco cultural da história alagoagrاندense, tendo em vista, que o mesmo é o terceiro mais antigo do estado, e no período de construção foi palco de grandes companhias que se apresentavam no país.

No segundo ponto iniciamos uma identificação do artista, José Gomes Filho, que se desloca de Alagoa Grande ainda aos 13 anos de idade para Campina Grande, a qual o abraçou e lançou para o sucesso, tendo o mesmo após essa mudança, adquirido o nome Jackson do Pandeiro, o qual é conhecido até os dias atuais. O mesmo pela sua particularidade tocar pandeiro conseguiu reconhecimento e título de “Rei do Ritmo”, o qual hoje também é símbolo da representação de sua terra natal, que adotou o slogan para relacionar sua história com a do artista, após décadas de esquecimento.

No terceiro momento analisamos o retorno de Jackson do Pandeiro a Alagoa Grande-PB, tendo em vista que o mesmo antes esquecido pela cidade, é revivenciado a partir da idealização da construção de um Memorial. Onde após 26 anos de sua morte foi construído e inaugurado o Memorial Jackson do Pandeiro no centro de Alagoa Grande-PB. Onde está localizada sua discografia, documentos pessoais, objetos utilizados por Jackson como um de seus pandeiros, chapéus entre outros itens particulares.

No entanto, Jackson do Pandeiro volta a sua terra natal “via Sedex”, para um ano mais tarde da inauguração de seu Memorial, integrar um acervo do construído e inaugurado em 2008, e seus restos mortais só chegam em setembro de 2009.

Portanto, podemos dizer que a construção do Memorial Jackson do Pandeiro para além da (re)construção identitária da cidade é também forma de relacionar a história dos seus habitantes com uma das figuras mais ilustres de sua terra Jackson do Pandeiro (José Gomes Filho)

## 1. HISTORIA E HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE ALAGOA GRANDE-PB

### 1.1 A Cidade como objeto histórico

De acordo com Castro (1997) é impossível pensar sobre História Social, sem ter como referência o Movimento do *Annales* iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929 na França, bem como suas múltiplas contribuições para formação de uma “nova história” que opõe-se as abordagens rankianas<sup>1</sup>, sendo frequentemente utilizada como forma de demonstrar essa nova postura que difere da historiografia “tradicional”.

Dessa forma a Revista e Movimento dos *Annales*, tornaram-se a manifestação mais efetiva contra a história factualista, propondo uma história-problema, viabilizada pela abertura dos temas, da disciplina e dos métodos e abordagens de pesquisa histórica, possíveis a definir e (re)construir a História Social.

Igualmente na década de 1970 para autora, a história social passa a ser produzida mundialmente pelos historiadores, onde até mesmo a História Política numa abordagem tradicionalista, passa a fazer parte dessa história problema, tendo em vista, estar-se analisando a ação do homem na sociedade.

Porém, com o quase desaparecimento das abordagens rankianas, a história social perde de certa forma parte de sua operacionalidade, mas sendo empregada muito frequentemente na produção historiográfica.

Entretanto, a história social é reivindicada por muitos historiadores em sentido mais restrito, por fazer parte de um recorte específico de problemas a ser questionados pela historiografia. Nesse sentido, nas décadas de 1930 e 40 aparecia vinculadas a uma perspectiva culturalista, com destaque nos costumes, tradições e a cidade.

---

<sup>1</sup> A autora faz referência a história desenvolvida por Leopold von Ranke: um dos maiores historiadores alemães do século XIX. Por intermédio da utilização das fontes ele deu ênfase na história narrativa (especialmente ligada a política internacional) e um comprometimento em mostrar o passado tal como realmente foi (*wie es eigentlich gewesen ist*).

Dessa forma, essa necessidade de escrever a história da cidade é por sua vez como instrumento para divulgar a identidade e a memória das cidades narradas, passando a ser entendida e representada por meio de símbolos, que podemos chamar segundo Chartier (1990) de mito fundador:

Este objeto decorre de uma definição dupla de “cultura”: (1ª) enquanto obras e gestos que configuram e justificam uma apreensão estética, um princípio de classificação e de demarcação intelectual do mundo; (2ª) enquanto práticas comuns, “sem qualidades”, que exprimem a maneira pela qual uma comunidade produz sentido, vive e pensa sua relação com o mundo (CHARTIER, 1990)

Percebemos, pois, que segundo Chartier (1990) nas lutas de representações tenta-se impor ao outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais

No entanto, para Bresciani (1998), pensar o estudo sobre as cidade é sobretudo identificar e refletir sobre seu inegável vínculo político e filosófico que intervém na mesma, mostrando que nenhuma leitura sobre cidade é neutra e definitiva ou ingênua, mas está cercada de interesses. Sendo assim, para entender a cidade é preciso pois, desobrigar-se de um caminho único de efeito linear, como proposta pelos *Annales*. Podemos então falar sobre começos plurais, ou possibilidades múltiplas de pensamentos históricos, acerca da cidade, bem como sua história política, social e cultural.

Dessa forma, o desenvolvimento urbano representa uma revolução onde nos historiadores temos este espaço como lugar de sociabilidade predominante em todos os aspectos no processo de alterações sociais na cidade, bem como (re)construção da história e de suas abordagens.

Pesavento (2007), numa perspectiva da História Cultural, analisa e discute visões literárias do urbano, no século XIX, tomando como principio as representações literárias, com destaque a construção de um imaginário sobre a modernidade. Com relação aos efeitos sobre a estrutura social, entendemos que a história da cidade é um bem simbólico produzido, distribuído e consumido pela sociedade em suas especificidades, como instrumento de (re) significação de construção do pensamento sobre cidade.



E nota-se ainda que a idealização de uma cultura urbana estável e lógica, de identificação rápida para representar os atores sociais, onde tanto produtor quanto leitor reconheça e identifique seu lugar e estilo de vida que lhe é comum e próprio, como a mesma analisa em textos literários e jornalísticos, contribui e nos auxilia para refletirmos sobre a homogeneidade da cultura urbana, a qual é construída e formada a partir de uma vasta e numerosa relação de conflitos e discursos os quais nos atentam a pesquisá-los e refletir sobre a produção da mesma, quando pensamos as cidades.

Dentro desta perspectiva entende-se que as cidades também pode ser pensadas como detentoras de um poder histórico, ou seja “o que era previamente considerado imutável é agora encarado com uma nova construção cultural, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (BURKE, p. 11, 1992)

Sendo assim, podemos dizer que também a nova história advinda dos *Annales* é também mais uma reação contra o “paradigma tradicional”. Pensamos, pois, a história da cidade a partir da opinião e experiência social das pessoas comuns, uma história popular.

Segundo Cardoso e Vainfas (1997) entendem as cidades da Idade Média, como concentração humana observando a personalidade política da mesma vivendo do comércio e e seus momentos de decadência e erguimento da cidade, associando ao feudalismo o declínio da vida urbana e ao capitalismo o renascimento das cidades.

Por outro lado os estudos posteriores começam a adotar novos métodos e perspectivas de pesquisa destacando as relações travadas entre os vários segmentos da vida social e do espaço urbano, reconstruindo a complexidade da estrutura social.

Nessas pesquisas por sua vez que adotam como fontes, registros fiscais, livros de registros civis, livros paroquiais, licenças, censos e etc., baseia-se no mesmo raciocínio considerando o desenvolvimento econômico como responsável pela vitalidade e expansão das áreas urbanas, porém considera a industrialização como maior fator de estímulo da urbanização.

Cidades como São Petesburgo, Odessa, Washington foram criadas a partir de éditos....a concentração populacional viabilizou o desenvolvimento industrial devido a disponibilidade de mão de obra. (CARDOSO E VAINFAS, p. 189, 1997)

Assim muitas evidências foram postas para relacionar industrialização e urbanização, bem como a migração do campo para a cidade industrial, uma relação da formação do espaço urbano.

De acordo ainda com Cardoso e Vainfas (1997) a cidade medieval caracterizou o modelo ideal para uma vida cultural variada e rica, valorizando as novas tecnologias, porém uma cidade orgânica e equilibrada, onde os edifícios públicos e praças abertas conseguem segurança atrás de um labirinto de ruas.

Mas os interesses capitalistas promovem uma concepção nova de espaço, diferente do medieval, agora com certa “linearidade”, espaço contínuo, retílinio, infinito e torna o núcleo das cidades o centro do universo, centralizando literalmente as decisões do estado, originando a desumanização da cidade.

Somando-se a isto, o aprofundamento a história da sociedade europeia do século XIX, quando observou-se o início das transformações urbanas em cidades como Londres e Paris, que vivencia um caos urbano em decorrência da Revolução Industrial, incentivou as primeiras, iniciativas de planejamento urbano e construção de uma cidade ideal, limpa, higienizada, sob as formas de ordem em função da urbanização de decorre ao longo dos tempos.

## **1.2 Alagoa Grande-PB: história, memória e sociabilidades**

Segundo Freire (2002) a chegada da Ferrovia na cidade de Alagoa Grande-PB em julho de 1901 é o principal marco da impulsão da cidade em termos sociais, econômicos e culturais, tendo em vista, que é a partir desse momento que a se consolida no Estado, enquanto cidade emergente e muito importante na economia da época sendo mais representativa até que Campina Grande a qual não fazia parte da linha Férrea Paraibana.

A Ferrovia foi de fundamental importância no comércio local, tanto para escoamento da produção de algodão e açúcar e rapadura, como no transporte de materiais que contribuíam para formação de “cidade”, bem como no investimento local.

Em fins do século XIX, início do século XX, Alagoa Grande figurava entre as cidades mais desenvolvidas do Estado, conseguindo não só a linha férrea, mas também novas ruas, sobrados, casarões, praças, construção de um novo mercado, mais casas comerciais, escolas, biblioteca (FREIRE 1998, p.69)

As novas aquisições da cidade caracterizam a urbanização e implantação de uma nova moda na sociedade bem como a formação da modernidade em Alagoa Grande, que ao figurar entre as cidades desenvolvidas precisa também seguir e adotar os padrões de beleza, higienação e (re) construção de sua cidade.

Na década de 1920, a cana-de-açúcar até então segundo produto em importância econômica teria significativo aumento na produção e participação na economia local e no Estado, com a instalação (inauguração) da Usina Tanques, facilitada pela anterior chegada da ferrovia que transportou todo maquinário, e servindo de condução para transportar a produção.

De acordo com Freire (2002), a partir de 1945 novos produtos passam a figurar a economia da cidade, como a agave, agropecuária com a criação de bovinos e equinos, etc. Portanto, notamos que a influência da ferrovia ao longo de sua trajetória, proporcionou considerável crescimento econômico da cidade de Alagoa Grande.

Podemos identificar ainda inúmeras construções que marcam a história e formação da cidade, a exemplo da igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem em 1868, misturando diversos estilos arquitetônicos do Clássico ao Barroco, iniciada a partir de 1861 a construção foi principiada pelo 1º vigário da paróquia o Frei Alberto de Santa Augusta Cabral.

Como descrito no livro de Tombo referente à sua construção a iniciação foi em maio de 1860, por motivos de decadência na capela, resolveu-se construir uma nova igreja. Sua inauguração se dá em 1868, conforme descrito em sua fachada, porém foram feitas algumas modificações em seu interior ao longo dos anos.

Além disso é importante ressaltar que sua construção está em lugar no topo do centro da cidade, onde nos indica o início da formação da cidade, onde os templos religiosos costumam sempre indicarem o centro, onde se inicia ocupação e desenvolvimento da cidade.

Um marco histórico material e cultural da cidade é Teatro Santa Ignez, inaugurado em 02 de Janeiro de 1905, o mesmo domina a paisagem de Alagoa Grande, com sua linhas neoclássicas, lembrando as fachadas das cidades Italianas, o mesmo é uma obra de Apolônio Zenaide amigos e familiares.

O Teatro Santa Ignez em Alagoa Grande é um monumento histórico em estilo neoclássico italiano lembrando as fachadas de suas cidades, sua construção nos remonta as construções do início do século XX, cuja obra teve início em 1905, por Apolônio Zenaide amigos e familiares. Na época o Teatro Santa Ignez, tornou-se endereço das grandes companhias estrangeiras que estavam em turnê pelo Brasil. Diversas peças teatrais e operetas ocuparam o palco do teatro em Alagoa Grande, que foi erguido em pinho e com estrutura e acomodações interna comum às melhores salas do início do século XX. Mas o mesmo não manteve uma regularidade ao longo dos anos, passando por um período de abandono.

No entanto o Teatro Santa Ignez representa uma importante conquista cultural não só dos alagoagrandenses, mas de todos os paraibanos, tendo em vista sua importância histórica para cidade e para o estado, sendo o mesmo o terceiro teatro estado.

Os primeiros anos do século XX, representam pois, o desenvolvimento da sociedade local e um período de maior influência do mesmo sobre a sociedade, que o mantem em abandono durante algum tempo, onde em 1966, um grupo de artistas se interessa pela retomada do funcionamento do Teatro Santa Ignez. Onde desse momento têm-se registro da encenação da peça “O santo e a porca” de Ariano Suassuna.

Nesse contexto, Alagoa Grande-PB tem se configurado no cenário paraibano como uma cidade que é destaque tanto pela sua beleza arquitetônica como também os “filhos ilustres” que se destacaram no estado e no Brasil, políticos como Apolônio Zenayde e Oswaldo Trigueiro, no sindicalismo, Margarida Maria Alves e na música a expressão de Jackson do Pandeiro.

## **2. JACKSON DO PANDEIRO E ALAGOA GRANDE: OS CANTOS E DESENCANTOS DE UM ARTISTA**

### **2.1. Jackson do Pandeiro: o sapo cantando nas Lagoas**

José Gomes Filho (Jackson do Pandeiro) nasceu em Alagoa Grande-PB, no ano 1919 onde viveu com sua mãe (Glória Maria da Conceição) mais conhecida como Flora Mourão e seus irmãos. Aos 13 anos, com a morte do pai, mudaram-se para a cidade de Campina Grande, onde começou a trabalhar como entregador de pão, engraxate e fazendo pequenos serviços.

Porém, segundo Moura (2003) na feira de Campina Grande, entre um mandado e outro, assistia aos emboladores de coco e cantadores de viola. Ia muito ao cinema e tomou gosto pelos filmes de faroeste, admirando muito o ator Jack Perry. Nas brincadeiras de mocinho e bandido com os outros garotos, José transformava-se em Jack, nome pelo qual passou a ser conhecido. Contudo, ao migrar, o artista se tornou uma espécie de fronteira entre dois universos culturais distintos e, segundo Burke, um “local que favorece a troca cultural é a fronteira” (2003, p.72).

Também essa mudança contribuiu largamente para crescimento pessoal e profissional para o ainda José Gomes Filho, que deixa sua terra natal para desbravar o destino em busca de seu sonho de ser “conhecido”, “artista” o qual não imaginava o tamanho do sucesso que alcançaria.

Segundo Moura (2003), o mesmo frequentava muito cinema mudo, desde sua terra natal Alagoa Grande, como também em Campina Grande, no período circulavam muitos filmes de faroeste, o qual o mesmo tinha predileção. Os filmes eram protagonizados pelo ator Jack Perry, norte-americano, grande, branco e que não tinha nenhuma semelhança a Jackson do Pandeiro, que era baixinho, negro e desengonçado.

No entanto, o José Gomes e seus amigos imitavam os trejeitos dos atores de faroeste em suas performances e o mesmo sempre representava o Jack Perry, portanto Jack, ficou sendo o apelido o qual conhecido no período em que o mesmo viveu entre Alagoa Grande e Campina Grande, ficou sendo então Jack do Pandeiro.

Mais tarde quando começou a tocar na Radio Jornal do comércio de Recife colocaram um “son”, onde um produtor de rádio que achou que era mais sonoro ficando como Jackson do Pandeiro.

Ainda de acordo com Moura (2003) ele teve muitos apelidos, pseudônimos, e codinomes que era dados por radialistas, por exemplo, “alegria da casa”, “O rei do ritmo”, o “rei do rojão”, o “rei da embolada”, “dupla infernal”, nesse caso ele e Almira, prevalecendo artisticamente como Jackson do Pandeiro.

Moura (2003) afirma que a mãe de Jackson do Pandeiro era uma cantora de côco na região do brejo da Paraíba, ela morava em Alagoa Grande. Ela era muito requisitada para aniversário de casamento, batizados e ela era acompanhado de um zabumbeiro da região. Foi nessa influencia musical que o garoto desde os cinco anos de idade era envolvido pelos ritmos bem cantados de sua genitora.

Conta o autor que aos sete anos, de tanto ouvi sua mãe tocando banzai que ele resolveu pegar uma zabumba pendurado na parede após ter colocado um tamborete para alcança-lo e começar a tocar o instrumento. De lá pra cá nunca mais tinha deixado de construir musicalidade com instrumentos, dessa forma, recebeu o título o qual o fez grande personagem da música paraibana e também da música popular brasileira<sup>2</sup>.

Além disso muitos artista do meio musical confirmam as afirmações feitas pelo mesmo que de fato Jackson do Pandeiro era um músico completo, pois, conseguia tocar de modo muito diferente das músicas tradicionais da época, com ritmos marcantes que revolucionam, ganhando o título de “Rei do Ritmo”, o que após a sua morte ganharia mais visibilidade.

No entanto, somente em 1953, já com trinta e cinco anos, foi que Jackson gravou o seu primeiro grande sucesso: Sebastiana, de Rosil Cavalcanti. Logo depois, emplacou outro grande hit: Forró em Limoeiro, rojão composto por Edgar Ferreira nas principais rádios das capitais brasileiras.

Segundo Gaspar (2009) em 1956, ele casou-se com Almira Castilho de Albuquerque, ex-professora, cantora e dançarina, com quem formou uma dupla de sucesso até 1967, quando o casamento acabou e a dupla se desfez.

---

<sup>2</sup> De fato, Jackson apreciava o piano como um instrumento musical que pudesse possibilitar vários ritmos, no entanto, sua condição financeira não permitia a compra de instrumento tão caro, dessa forma, o pandeiro se tornou a sua primeira e única opção para expressar a sua musicalidade.

Foi Almira quem ensinou ao marido a escrever seu nome, além de estimulá-lo a levar sua música para além dos estados da Paraíba e Pernambuco. Casou pela segunda vez com a baiana Neuza Flores dos Anjos, separando-se também dela antes de morrer.

Além disso, Jackson do Pandeiro também era compositor, porém grande parte das suas músicas ele colocou no nome da então esposa Almira Castilho. São da sua autoria alguns sucessos como “Na base da chinela”, em parceria com Rosil Cavalcanti; “Aquilo bom”, em colaboração com José Batista; “Cantiga da perua”, com Elias Soares; “Cabeça feita”, com Sebastião Batista, e muitas outras músicas que fizeram sucesso durante a década de 60 (ver Quadro I).

### **QUADRO I SUCESSOS GRAVADOS POR JACKSON DO PANDEIRO**

<b>Música</b>	<b>Compositor/Gravadora</b>	<b>Ano de lançamento</b>
<b>Sebastiana</b>	Jackson do Pandeiro	1953
<b>A, E, I, O, U Ysilone</b>	Almira	1953
<b>Forró em Limoeiro</b>	Edgar Gama	1954
<b>1x1</b>	Edgar Ferreira	1954
<b>17 na corrente</b>	Edgar Ferreira	1954
<b>O canto da ema</b>	Ayres Vianna e João do Valle	1954
<b>Forró em caruaru</b>	Zé Dantas	1955
<b>Me dá um cheirinho</b>	Long Play	1956
<b>Coco do Norte</b>	Long Play	1956
<b>Chiclete com banana</b>	Gordurinha e Almira Castilho	1957
<b>Cabo Tenorio</b>	Rosil Cavalcanti	1957
<b>Passe na lapa</b>	Nivaldo Lima e Jackson do Pandeiro	1961
<b>Na base da chinela</b>	Jackson do Pandeiro e Rosil Cavalcanti	1961
<b>Vou ter um troço</b>	Arnô Provenzano e Otolindo Lopes	1961
<b>Na base da Chinela</b>	Rosil Cavalcante	1962
<b>Zé na Paraíba</b>	Manezinho Araújo e Catulo de Paula	1962
<b>Caminho da Roça</b>	Zé Calixto	1963
<b>Ralabucho</b>	Florisval Ferreira e José César	1967

Fonte: [www.jacksondopandeiro.mus.br](http://www.jacksondopandeiro.mus.br)

Ao longo de sua trajetória Jackson do Pandeiro conquistou espaço em meio ao mundo artístico e musical, onde conseguiu respeito e admiração, enquanto vivo e posteriormente, ao apreciarem suas músicas melodias e conhecer suas técnicas musicais.

Porém sua cidade natal, Alagoa Grande bem como seus habitantes, durante muito tempo antes e após a sua morte o deixaram a mercê de uma maior impulsão

para conhecimento deste “filho” que durante décadas era lembrado apenas por poucos.

Podemos dizer que o personagem Jackson do Pandeiro aparecia apenas em momentos comemorativos, como aniversário da cidade, sete setembro, folclore, o que fazia do mesmo um mito histórico alagoa-grandense. O mesmo representava o passado da cidade, mas nesse período sem nenhuma maior preocupação em percebê-lo enquanto personagem de importância para história da cidade ou dos mesmos ou ainda construir uma nova imagem da cidade vinculada a musicalidade do cantor que agora era trazido de volta.

### **3. ALAGOA GRANDE-PB: O MEMORIAL E A RESSUREIÇÃO DO REI DO RITMO**

#### **3.1. “A volta do filho pródigo”: o memorial em homenagem a Jackson do Pandeiro**

Como afirmamos anteriormente, após décadas de esquecimento do seu personagem, a Alagoa Grande inicia nos anos de 1990 um processo de restauração da imagem do seu ilustre Jackson do Pandeiro, dessa vez a tentativa de valorização de sua memória e musicalidade como legado da cidade em que ele nasceu.

No entanto, a consolidação da imagem e memória de Jackson do Pandeiro para a cidade de Alagoa Grande, bem como para seus conterrâneos, se dá com o início do projeto e idealização da construção de um memorial em sua homenagem que passa ser um marco fundamental para a cultura e economia da cidade, tendo em vista, que a partir desse momento a mesma volta a figurar entre as cidades importantes do estado, sendo integrada em diversos movimentos turísticos implantados, como por exemplo, Caminhos do Frio<sup>3</sup> e elencada para uma etapa do Forró Fest em momento de comemoração do Centenário Luiz Gonzaga no ano de 2012.

---

<sup>3</sup> Caminhos do Frio é um evento atrativo para geração de emprego e renda durante uma semana de festividades que envolvem as cidades de Alagoa Nova, Areia, Serraria, Pilões, Solânea, Bananeiras e Borborema em que o clima durante os meses de julho e agosto ficam abaixo da temperatura normal dessas cidades. Fonte: [www.brejoparaibano.com.br](http://www.brejoparaibano.com.br)



Portanto concordamos com Burke (1992) que afirma que a oposição presente/passado não é um dado natural, mas sim uma construção um mesmo passado que muda segundo as épocas em que se estabelecem os lugares de memória.

Dessa forma, a relação histórica do personagem Jackson do Pandeiro com sua cidade é algo que fica décadas, apenas “in memória”, na mente das pessoas que viveram Jackson, e que o conheceram, pois uma grande parcela da sociedade alagoagrândense não conseguia fazer essa relação com o mesmo, certo forma pelo distanciamento de sua história.

Como podemos observar que muitos Jornais, e pessoas acreditam que o mesmo seja, de Campina Grande cidade que o abraçou, enquanto criança e o lançou para a vida musical, dando-lhe oportunidades reconhecimento.

Apenas em fins da década de 90, que um grupo local resolve reafirmar no população alagoagrândense a memória de Jackson do Pandeiro, como um ícone da MPB, pela sua performance enquanto instrumentista, compositor e músico e que durante muito tempo não teve o devido reconhecimento pelos seus conterrâneos e da sua cidade natal.

Um momento bastante oportuno para uso de tal memória do cantor foi quando ocorreu o rompimento da Barragem de Camará, que de acordo Paiva Júnior (2006) devido a falhas em sua construção, trouxe diversos impactos negativos, como: perda de bens materiais, de imóveis, do patrimônio público, da reserva hídrica, a morte de animais e de seres humanos, desequilíbrios emocionais, econômicos, ecológicos e agrícolas; e como impacto positivo, a solidariedade.

No entanto, após o episódio do rompimento da barragem de camará, algumas áreas da cidade que ficou em ruínas, políticos locais aproveitam-se da imagem de Jackson para (re)construção da história da cidade que agora emerge na figura de seu mais ilustre filho, anteriormente retido a um reconhecimento mínimo por parte dos moradores da cidade, mas que a partir desse novo momento devem reconhecer-se enquanto, filhos da “Terra de Jackson do Pandeiro”, slogan sociocultural alagoagrândense para pretensão e obtenção de uma imagem que deve ser comprada e vendida por todos a partir desse momento da história da cidade.

A ameaça de ruptura, de desaparecimento dos referentes culturais impulsiona a crescente valorização das identidades locais, as quais têm sido acompanhadas, por um sentimento nostálgico em relação ao passado, que é em função das circunstâncias e necessidades do presente, (re) construído, (re) interpretado, (re) criado, (re) inventado e processado através da mitologia, das ideologias, dos nacionalismos, dos localismos, etc. (NORA: 1993).

Assim, dentro desta perspectiva que é de patrimonialização e construção de uma memória local ainda mais pela reconstrução social que necessita a cidade de Alagoa Grande de um Memorial e um portal em homenagem a Jackson do Pandeiro que passa a ser pensado e posto em prática sua projeção, bem como a (re) construção do mesmo enquanto alagoa-grandense, bem como a instalação de “os lugares de memória” para assegurar o processo de impedimento do esquecimento.

Por isso podemos observar ainda que essa estratégia aproveita as possibilidades de (re)construção de “memória” na cidade, tendo em vista, que é a partir dessa emergência do pensamento em torno de Jackson que a cidade voltaria a figura novamente entre as cidades destaques do Estado, outrora, esquecida pela decadência econômica sofrida com o tempo, e o declínio na produção de algodão e cana-de-açúcar que representaram durante o século XIX o poder econômico da cidade.

Sendo assim, de acordo com o Jornal a União (2008) o Memorial Jackson do Pandeiro, foi inaugurado em novembro de 2008 em Alagoa Grande, no centro da cidade. No local foram expostos discos, objetos, documentos, fotografias, vestuários, entre centenas de peças alusivas ao artista que foram reunidas por familiares, amigos, colecionadores, pesquisadores e artistas, afirmava-se que estaria a obra quase completa de Jackson.

São mais de 500 fotos, 417 músicas digitalizadas (duas delas descobertas em março daquele ano), 120 discos, incluindo regravações, os clássicos chapéus, camisas e instrumentos como tamborim, reco-reco, um violão autografado pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek, e apenas um pandeiro.

Mais tarde, em setembro do ano de 2009 o Jornal o Estadão publicizou o retorno de Jackson do Pandeiro a Alagoa Grande-PB, quando os seus restos mortais - que estavam enterrados no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro - foram transferidos para compor o cenário do acervo do memorial. Ou seja, vinte e seis anos após sua morte, seu corpo chegou a Alagoa Grande.



FIGURA 2 – MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO. FONTE: [WWW.GOOGLE.COM/IMAGENS](http://WWW.GOOGLE.COM/IMAGENS)

A transladação dos restos mortais do cantor demarca uma iniciativa de caráter estratégico para a legitimação da identidade tanto da cidade como também da construção do memorial um ano antes. Dessa forma, a abertura pública do memorial para a visita dos alagoandenses assim como, visitantes de outras cidades e estados foram esquematizadas de alguns rituais.

Em primeiro lugar a lápide onde estão os restos mortais de Jackson fica na parte externa do memorial onde os visitantes antes de adentrar no memorial podem permanecer alguns segundos, ou ainda passar despercebido que ali estão novamente “o artista em sua terra”.

Em segundo, a uma exibição de um vídeo documentário que reforça a ideia de pertencimento com algumas declarações de artistas nacionais exaltando as qualidades musicais de Jackson, quando num ponto máximo de um trecho do vídeo, quando ele próprio afirma numa entrevista gravada na TV Cultura que é natural de Alagoa Grande, dirimindo todas as dúvidas que paravam sobre os desavisados que

questionavam se sua terra seria Campina Grande ou Recife, cidades em teve começaram o reconhecimento de músico profissional.

Ao término do vídeo há um passeio sobre o acervo, onde se concentram na primeira sala muitos discos de vinil, cuidadosamente colocados em ordem cronológica e vários cartazes de propagandas em jornais e panfletos dos shows realizados em diversas cidades do Brasil. Em seguida os visitantes são encaminhados para um outra sala onde estão objetos de uso pessoal, muitas fotografias, cadernos de anotações do artista, com composições escritas a caneta, medalhas, vestuários e figurinos de shows. O término da visita ocorre na assinatura do livro de presença onde na folha já constava mais de 3.000 assinaturas em dois anos de existência do memorial.



**FIGURA 3 – FOTOGRAFIAS EXPOSTAS NO MEMORIAL – FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE**

Segundo o prefeito municipal Hildon Régis Filho, responsável pela inauguração do memorial, afirmou que seria um legado e um patrimônio cultural da cidade de Alagoa Grande-PB, de fato pois, para Lemos (2006), o patrimônio cultural inclui os bens materiais que estes trazem consigo, ou seja, uma conjuntura de

elementos culturais, que envolve os bens móveis e imóveis, ou seja, as construções arquitetônicas e artísticas que tornam-se imprescindíveis para assegurar as tradições e identidades de um povo.

Sendo assim, compreendemos que esta relação do patrimônio tem estreita ligações tanto com as operações em torno da memória quanto ao objeto museal, pois, este estabelece os vínculos de sua relação com o homem como também, através dele temos condições de entender os processos históricos, onde estes estão imersos, no momento de sua criação e utilização pelo homem, tendo como princípio que a cultura e a memória não são neutras.

Um dos interesses em torno no memorial, como bem explicito desde a sua instalação, é a investida na economia local, pois, Alagoa Grande como “terra de Jackson do Pandeiro”, frase escrita ao lado de um pandeiro em forma de portal na entrada da cidade, explicita esses interesses comerciais em torno da memória do artista.

Deveras, atualmente vários ônibus de estudantes e professores, e estrangeiros e pessoas de outros estados e cidades desembarcam na cidade para a visita ao memorial e ao mesmo tempo que se espera que esse aumento de fluxo pessoas na cidade contribua para o comércio local e a aquisição de outros bens de caráter artesanal que lembram a memória da cidade.

Dessa maneira, podemos afirmar que a reativação da memória em torno do artista veio a consolidar ainda mais a imagem dos alagoagrandenses enquanto filhos da “terra de Jackson do Pandeiro”, de maneira que após a inauguração em (2008), a intensificação da construção dessa ideia consegue subsidiar o crescimento sócio-cultural, econômico e cultural da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa nós identificamos Alagoa Grande-PB dentro de uma perspectiva histórica onde é analisado a ação humana no tempo, observando as mudanças no âmbito do espaço físico, mas também as relações sociais sofridas ao longo do tempo, vinculado acerca das cidades, vislumbrando uma história que distancie-se dos métodos tradicionais, observando as relações de poder exercidas pela mesma sobre a sociedade para construções de novos conceitos sobre a cidade, incluindo suas representações de si e lugares de memórias.

Dessa forma entendemos que a construção do espaço urbano, bem como os avanços tecnológicos exercidos pelo mesmo interfere, na identidade histórica a cidade, no caso, Alagoa Grande-PB, consegue com as transformações ao longo do tempo tanto avanço quanto declínio. Nesse sentido, a chegada da linha férrea proporciona crescimento, porém com o fechamento da Usina Tanques anos mais tarde, percebemos o colapso econômico.

Personagem vindo desse lugar histórico, Jackson do Pandeiro, poucos momentos em vida se identifica com a cidade, pois, sem muitas chances, descola-se para Campina Grande onde iniciou sua cidade artística, conseguindo alavancar para os grandes centros, onde durante anos trabalhou na Rádio do Comércio de Pernambuco.

No entanto identificamos que por décadas havia a ausência do conhecimento acerca do mesmo por parte dos habitantes de Alagoa Grande-PB, lugar onde nasceu, sendo o mesmo como um personagem mítico, aparecendo esporadicamente em festividades locais.

Porém, após anos de esquecimento na década de 1990 a uma idealização para reativação da memória de seu “filho ilustre” Jackson do Pandeiro, dessa vez a tentativa de valorização de sua musicalidade como legado da cidade em que ele nasceu. Mas, somente com o planejamento da construção de um Memorial que foi efetivado esse projeto em Alagoa Grande-PB, incluindo ainda os seus restos mortais do mesmo também fizeram parte do acervo memorialístico dedicado a ele.

Dessa forma, o nosso trabalho buscou identificar como a retomada da memória de Jackson do Pandeiro por parte dos alagoagrandenses compõe-se de uma relação de poder exercido pelas lideranças da época que buscavam fontes de reconhecimento vinculado aos interesses da economia local e essa construção torna essas possibilidades abertas.

Lembramos ainda, que devido aos limites do trabalho poderíamos ter expandido os horizontes da pesquisa para outras construções na cidade de Alagoa Grande, a exemplo do portal em forma de pandeiro na entrada da cidade e ainda outras produções em torno de Jackson fora da cidade de Alagoa Grande. Portanto, ficam abertas para futuras pesquisas e novos historiadores para uma contribuição no que diz respeito, as formas de arranjos políticos vinculados a memória coletiva em favor do sucesso econômico local.

## REFERÊNCIAS

BRESCIANI, Stella “História e historiografia das cidades, um percurso” In FREITAS (org.), **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

BURKE, Peter . “ A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa” . In: \_\_\_\_\_ (org.) **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 327 a 348

CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs). **Domínios da história**. SP: Campus, 1997.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Lisboa:DIFEL, 1990.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande**: Sua História. João Pessoa: Idéia, 1998;

\_\_\_\_\_. **Alagoa Grande, sua história de 1625 a 2000**. João Pessoa: A União, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu, 1959 – **Patrimônio histórico e cultural**/ Pedro Paulo Funari, Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GASPAR, Lúcia. **Mestre Salustiano**. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em 15 dez. 2013.

HERCKMANS, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba [1639]**. In: Recife, RIAHGPE, n ° 31, p. 239-288, 1886.

LIVRO DE TOMBOS da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Alagoa grande. 1861.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. São Paulo: Unicamp, 2003;

LE MOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. Carlos A. C Lemos – São Paulo: Brasiliense. 2006.

MELLO, José Octávio Arruda. **História da Paraíba**: Lutas e Resistências. João Pessoa: A UNIÃO, 1994;



MOURA Fernando; VICENTE, Antônio. **Jackson do Pandeiro: o rei do ritmo**. São Paulo, Editora 34, 2001

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PAIVA JÚNIOR, Hugo Barbosa. **Efeitos do rompimento da Barragem de Camará na área urbana do município de Alagoa Grande-PB**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) UFPB, João Pessoa, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.53, p. 11-23, jan.-jun., 2007.

Jornal **A União**. João Pessoa – Paraíba. 20 de novembro de 2008.